

---

## **Divergências entre as posturas midiáticas hegemônicas e antirracistas: reflexões a partir do campo<sup>1</sup>**

Amanda Veríssimo da SILVA<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### **RESUMO**

O presente artigo tem como principal objetivo apresentar os desacordos entre o jornalismo hegemônico e o jornalismo antirracista na perspectiva de cinco jornalistas negros. Através de entrevista semi-estruturada (BONI e QUARESMA, 2005) como técnica etnográfica (PEIRANO, 1995; MATTOS e CASTRO, 2011), junto com a netnografia (KOZINETTS, 2010), os jornalistas relatam como a postura de alguns canais de comunicação hegemônicos são, por vezes, irresponsáveis frente a influência que a mídia exerce na sociedade; diferente das mídias antirracistas que buscam promover um jornalismo conectado a uma conduta pedagógica na transmissão da informação.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; mídia hegemônica; mídia antirracista.

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente artigo traz um recorte da dissertação “O amor à negritude como ferramenta de resistência/descolonização no campo do jornalismo” produzida dentro do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A dissertação em questão teve como principal objetivo compreender como o amor à negritude (hooks, 2019) opera enquanto ferramenta de decolonização no campo do jornalismo. Em uma de suas abordagens etnográficas, foi pertinente entender que o processo de decolonização racial do jornalismo, é um processo de decolonização de um jornalismo já estruturado socialmente, tido como jornalismo tradicional ou hegemônico. Por isso a necessidade de fazer uma diferenciação, a partir da perspectiva e experiência das/os parceiras/os de pesquisa (entrevistadas/os) acerca do jornalismo hegemônico e jornalismo antirracista.

Ao longo de toda uma trajetória histórica, que perpassa os processos de escravização e diáspora desde o início do período colonial, até os dias atuais, as pessoas negras vivenciam um genocídio sistemático. Esta é uma estrutura pensada mesmo, e principalmente, nos moldes midiáticos, pois, como mesmo pontua Nascimento (2016, p.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação, email: [amanda1verissimo@gmail.com](mailto:amanda1verissimo@gmail.com).

54): “os brancos controlam os meios de disseminar as informações; o aparelho educacional; eles formulam os conceitos, as armas e os valores do país.” São as pessoas brancas que delimitam as formas ver, ouvir, aprender, pensar e ser.

São estas que constroem as representações sociais, disseminando através das mídias sociais imagens de natureza ideológica que apresenta uma perspectiva negativa do que é ser construída/o como negra/o. É a partir deste incômodo experiencial que me uno à demanda acadêmica de pensar e repensar maneiras de compreender e reelaborar essas estruturas, tecendo aqui uma comparação discursiva, coletada em campo, do jornalismo hegemônico e do jornalismo antirracista, na intenção de demonstrar os impactos sociais divergentes que estas diferentes abordagens comunicacionais reproduzem.

### **3. METODOLOGIA E APURAÇÃO EM CAMPO**

#### **3.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS**

Utilizei duas abordagens que passam a se constituir como minhas principais estratégias metodológicas nesta pesquisa: a etnografia e a entrevista. Dentro da etnografia, aproveito as técnicas da etnografia propriamente dita e da sua variante digital, a netnografia. Por outra parte, dentro da estratégia metodológica da entrevista, aproveito as ferramentas da história de vida e de seu desdobramento na especificidade de uma aproximação temática, definida como história de vida tópica; assim, como também me apoio ao recurso da entrevista semi-estruturada. Segundo MATTOS (2011), as técnicas e procedimentos etnográficos não seguem um padrão único e inflexível. A metodologia desenvolvida vai depender do senso da etnógrafa no arranjo consciente de técnicas pertinentes. Neste caso optei pela utilização da história de vida tópica e da entrevista semi-estruturada como técnicas etnográficas para melhor atender minhas demandas de pesquisa.

#### **3.2 APRESENTANDO AS/OS PARCEIRAS/OS DE PESQUISA<sup>3</sup>**

---

<sup>3</sup> Em uma crítica a uma postura antropológica tradicionalista, o autor Tadeu Lopes, escreveu o artigo denominado “Não somos objetos de pesquisa”: em busca de uma antropologia em colaboração” (LOPES, 2019, p. 44-55). Há outras/os autoras/es dentro da antropologia e/ou pesquisa etnográfica que usam denominações como “sujeitos de pesquisa” (MALUF, 2013); “interlocutores de pesquisa” (MARINS, 2020); “participantes de pesquisa” (BIZERRIL, 2004), entre outros.

Nome	Idade	Colorímetro	Orientação sexual	Cidade
Karen	24	Retinta <sup>4</sup>	Pansexual <sup>5</sup>	Mato Grosso do Sul
Carla	44	Negra de pele clara	Heterossexual	Maceio-AL
Etiene	38	Retinta	Heterossexual	Minas Gerais
Carol	30	Parda	Bissexual	São Paulo
Jonas	30	Pardo	Heterossexual	Irará-BA

### 3.3 PERCEPÇÕES EM CAMPO

O discurso sobre a ausência de preocupação por parte do jornalismo hegemônico de expor a realidade racial do país, entendendo como isso impacta socialmente, foi trazida por Karen durante a entrevista que tivemos; ela comparou essa postura hegemônica, com a postura de veículos de jornalismo antirracista, manifestando a opinião de não concordar que essa atitude não seja adotada por todos os canais de comunicação.

Karen: por exemplo, vai sair um dado sobre a falta de saneamento básico em uma comunidade ou na periferia de algum lugar, (...) quando você pega aquele dado você tem que entender quem são essas pessoas afetadas. Quando você descobre quem são as pessoas afetadas você descobre a raça dessas pessoas. Então o jornalismo tradicional não tem esse cuidado de buscar e entender quem são afetados por essa realidade que são apresentados nos dados. (...) Eu acho que quando você exclui a raça, quando você não toca na questão social que é uma questão histórica, você diminui e apaga problemas que são extremamente raciais. Mas acho que o jornalismo antirracista, como o Alma Preta, Mundo Negro, enfim, tem esse cuidado de pautar o jornalismo na perspectiva de raça. Mas eu acho que não deveria ser só nesses veículos, e sim em todos eles. (...) Eu acho que o jornalismo tradicional tem uma forma de pensar hegemônica, semelhante da de quem controla, de quem é conservador, do brasileiro rico.

A partir de sua fala, Karen traz suas percepções do jornalismo hegemônico enquanto um potencializador do desconhecimento social. Naquilo que o jornalismo hegemônico não informa, está seu propósito. A partir do consumo jornalístico, que entende-se como o processo capaz de obter uma informação com credibilidade, o

<sup>4</sup> Termo utilizado para se referir a uma pessoa preta de pele mais escura.

<sup>5</sup> Termo utilizado para se referir a um indivíduo que sente atração por alguém independente do gênero e da orientação sexual desta/e.

telespectador/leitor/ouvinte acredita que está se informando. Passa-se portanto uma falsa sensação, a aqueles com o olhar desatento ou que crê na mídia pela sua notoriedade social; acreditam que ao obter aquela informação que se configura como a verdade, este também passa a ser detentor do conhecimento da verdade. Quando, muitas vezes, aquela informação oculta lados e aspectos sociais que são essenciais para se entender em completude um determinado acontecimento.

As raras vezes que grandes monopólios midiáticos se posicionam, se dá por imposições sociais; como pode ser visto em uma fala do parceiro Jonas, que durante a entrevista exemplificou casos em que a emissora Rede Globo, a partir de muitas cobranças políticas dos grupos minorizados socialmente, se viram na obrigação de mudar certas condutas que atendessem a essa parcela da sociedade.

Jonas: Hoje a Globo é obrigada a pensar cada vez que vai colocar uma apresentadora, um apresentador, avaliando se ele fala besteira ou não fala besteira. Hoje a Globo tem uma Maju<sup>6</sup> da vida. Isso não é benevolência deles. A gente tem uma série de Georges Floyds diariamente e essa mesma mídia tradicional nunca adotou práticas de discutir essas questões de violência do estado. Quando acontece o que aconteceu com George Floyd que vira um movimento mundial, essa mídia passa a refletir sobre suas práticas e o antirracismo vira uma espécie de jornalismo recortado. por esse sistema que se baseia no lucro e no comercial. E vira uma espécie de marketing para determinadas empresas.

Nesse processo há a conveniência de se adequar as/aos consumidoras/es a partir de uma perspectiva de audiência e lucro. Porém, também faz notar os impactos positivos de espaços de democratização com a *internet*, onde as pessoas podem ser ouvidas, e não só aqueles que detêm o capital simbólico. Há contudo certo tensionamentos na mídia digital, que são trazidos pelo parceiro Jonas em dois momentos da entrevista que realizamos.

Jonas: a gente vive um contexto hoje de exacerbação de aparatos tecnológicos que são interessantes por um lado e perigosos por outro, vinde às eleições e as fake news. Mas que apresenta possibilidades, uma maior abrangência e possibilidades de referenciais para as pessoas negras.

Jonas: Em termos de mídia negra várias estão surgindo e isso é maravilhoso. Qualquer pessoa hoje pode fazer um podcast pelo celular, de casa, e trazer questões importantes. Mas o que se precisa pensar também é se esse podcast, por exemplo, vai atingir um grande

---

<sup>6</sup> Maria Júlia Coutinho Portes, conhecida como Maju Coutinho, é uma jornalista e apresentadora negra da Rede Globo.

---

número de pessoas. E aí a gente vive várias outras questões no que concerne aos influenciadores negros e negros que criticam o Instagram pelo conteúdo deles serem menos entregues do que o de pessoas brancas. O que eu digo é para a gente não romantizar esse contexto... Mas que ele é importante é. Fortalece várias mídias de comunicação independente e meios de comunicação negra. Isso é verdade. Enquanto consumidor a gente passa a ter mais possibilidades.

Jonas aponta tanto questões relativas ao uso da *internet* no que concerne a tentativa de manipulação, possibilitada pelas *fake news*; como traz o debate sobre o racismo algorítmico que gera entraves no consumo de mídias produzidas por pessoas negras. Porém, mesmo com essas adversidades, o parceiro não deixa de destacar o que surge mediante esse novo espaço cibercultural, é uma possibilidade de ser visto, sobretudo por aqueles que já clamam por novos canais de informação contra hegemônicos.

Na sociedade da informação é percebido a urgência e a criticidade sobre uma mídia que não se posiciona, e que se mantém afastada de questões sociais. A mídia antirracista, conforme apontado pela parceira Karen, em uma de suas falas, tem essa preocupação de trazer uma determinada notícia a partir de uma perspectiva racial; não só racial, pois a partir das intersecções o antirracismo também dialoga com gênero e classe. Essa preocupação dentro da produção de notícias possibilita que o telespectador tenha contato com o letramento racial antirracista (VIEIRA, 2022). A cerca dessa possibilidade de desconstrução do indivíduo a partir da mídia antirracista, o parceiro Jonas traz que:

Jonas: se você tem os meios de comunicação trabalhando esses imaginários, trabalhando essa maneira como a sociedade enxerga a população negra, e reivindicando certas pautas em prol da pessoa negra, então você está trabalhando pela mudança desse imaginário.

É o processo de desconstrução do imaginário social a partir da provocação de novas formas de ver o mundo. Entendendo isso, a parceira de pesquisa Carol me trouxe que uma das suas motivações para atuar no jornalismo antirracista é poder possibilitar as pessoas negras esse letramento racial, que se mostra como um caminho para a desconstrução do imaginário citado por Jonas.

Carol: Quando eu penso em pessoas negras que não tiveram o mesmo letramento racial que a gente, eu penso em um lugar de muita empatia. Porque nem todo mundo teve acesso. Eu tive acesso à

---

universidade, local que eu entendo como um local de privilégio... Nem todas as pessoas negras tiveram essa oportunidade, por mais brilhantes que elas sejam. E se eu posso escolher, eu escolho escrever uma mídia antirracista. Porque eu quero que as pessoas negras tenham o mesmo letramento racial que eu tive.

Algo que se faz necessário observar é que o desejo de Carol é possibilitar o letramento racial especificamente para outras pessoas negras. São essas também que ganham a empatia dela diante da ignorância. Considerando o que me é trazido pela parceira, entendo que quando pessoas negras não têm esse letramento, elas são psicologicamente afetadas, e ficam sujeitas a serem ainda mais violentadas, tanto por outras pessoas, como por si mesmas. É a falta desse conhecimento que as condicionam à autonegação. Para as pessoas negras, portanto, o letramento racial se faz urgente.

Reflexões vinculadas ao fenômeno do letramento racial antirracista por parte dos/as parceiros/as desta pesquisa surgiram em outros momentos das entrevistas, mesmo que tal termo não tenha sido diretamente utilizado, o que ele representa teoricamente foi trazido como um saber crucial para aquelas/es que fazem o jornalismo antirracista na prática. Tal questão surge na fala de Etiene, que me aponta a necessidade de estudar, de entender as estruturas e o racismo, para ser capaz de executar e pôr em prática esse tipo de jornalismo. É preciso ir atrás, porque raramente o letramento racial antirracista será apresentado na universidade:

Etiene: É aprendizado contínuo. Porque não dá para você exercer o antirracismo no jornalismo se você não estudar. Porque? Porque a gente está imerso em uma sociedade colonizada, né. A gente vive práticas de racismo recreativo, racismo estrutural, racismo institucional cotidianamente. Então a gente tá imerso no meio do racismo ali, né. Então é uma prática de desaprender o racismo cotidianamente. Porque a gente já nasce imerso. Então é um querer muito grande. E ser antirracista é bem essa questão. É você ter autoestima. E para nós negros termos autoestima é conhecer a nossa própria história. E essa prática do jornalismo antirracista não dá pra aprender na faculdade. Porque os cânones da literatura são todos brancos.

É neste ponto que Etiene trás a descolonização de si como uma questão essencial para a/o jornalista antirracista. A prática para esse processo se dá em leituras, provocações de novos aprendizados, saberes, pensares que devem ser cotidianos, “dia após dia” como pontua Etiene.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando a mídia, e seus meios, passam a ser considerados como ferramentas de instrução social - por serem capazes de conceder a informação, e conseqüentemente o conhecimento de algo, podendo portanto formar opiniões a partir do que se produz e do que se vê -, deve-se haver a compreensão de que a credibilidade concedida a esses agentes de formação podem ser utilizadas de forma a potencializar as estruturas ou a desmontá-las, na mesma medida que a educação escolar. O autor Natalino Silva (2012) pauta a educação popular negra como uma postura de ensino que busca disseminar saberes de libertação e de emancipação das pessoas negras. São as instituições como a escola ou a mídia que sinalizam aqueles que são dignos do amor ou do ódio, e de outras questões sociais atreladas a esses sentimentos, como: respeito, cidadania, convívio digno e afins. São estes espaços através de posturas pedagógicas pautadas na socialização que constroem o amor à negritude.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- AUAD, P. H. T. K. E quando o subalterno fala?: Ideologia, tradução e ética. **Revista Criação & Crítica**, v. 24, p. 115-130, 2019.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. L.. **Aprendendo a entrevistar**: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Em Tese (Florianópolis), Florianópolis, v. 3, p. 68-80, 2005.
- BORGES, Juliana. **Encarceramento em massa**. São Paulo: Coleção Feminismos Plurais – Pólen Livros, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- EUZEBIO, Valaci. **(Im)parcialidade na comunicação jornalística**: questões enunciativas e a subjetividade na linguagem. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Estudos Literários) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2015.
- FERNANDES, Florestan. **O Negro no Mundo dos Brancos**. São Paulo: Global Editora, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. 1ª edição [1976]. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia**: novos diálogos sobre educação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo, Editora Elefante, 2019b.

- KOZINETTS, Robert V. **Netnografia**: a arma secreta dos profissionais de marketing: como o conhecimento das mídias sociais gera inovação. 2010. Disponível em: <[http://bravdesign.com.br/wpcontent/uploads/2012/07/netnografia\\_portugues.pdf](http://bravdesign.com.br/wpcontent/uploads/2012/07/netnografia_portugues.pdf)>. Acesso em: 5 dez. 2022.
- KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo**: Norte e Sul – Manual de Comunicação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- KUSCHNIR, Karina. **A antropologia pelo desenho**: Experiências visuais e etnográficas. Cadernos de Arte e Antropologia, vol. 5, n. 2, p. 5-13, 2016.
- LADEIRA, Francisco Fernandes. **Televisão e minorias**. Observatório da Imprensa, São Paulo, 16 dez. 2014.
- LEMOS, André. **Cibercultura**: alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André.; CUNHA, Paulo. (Org.) Olhares sobre a cibercultura. Sulina: Porto Alegre, 2003.
- MARQUES, Rodolfo S.; TEIXEIRA, Will M.; CONCEIÇÃO, Bruno. Regulação da mídia em debate: análise comparada no momento atual e perspectivas para o futuro no Brasil e na Argentina. **Entremeios**, edição 15, v.1, p.1-10., 2019.
- MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da Economia Política. Trad. de Régis Barbosa e Flávio R. Kothe. Vol. I, Tomo 2. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- MATTOS, C. J. G.; CASTRO, P. A. de. (Org.). **O espaço da exclusão**: o limite do corpo na sala de aula. In: Etnografia e educação: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, p. 117-130, 2011.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: seguido de Sobre el gobierno privado indireto. Madrid: Editorial Melusina, 2011.
- MIRANDA, Luciano. **Jornalismo on-line**. Passo Fundo: UPF, 2004.
- NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.
- PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- SANTANA, B. da P.; SILVA, E. M.; ANGELIM, Y. Negro(a)s na mídia brasileira: estereótipos e discriminação ao longo da formação social brasileira. **Lutas Sociais**, v. 22, p. 52-66, 2018.
- SILVA, Natalino N. da. **Nas trilhas da aventura pedagógica de educar com e para o social**. Paidéia. Belo Horizonte, ano 9, n. 13, p. 57-68, jul./dez. 2012.
- VIANA, Enio G. **O incentivo à diversidade na publicidade brasileira**: análise dos programas de inclusão das agências. Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em Mídia, Informação e Cultura) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2019.
- VIEIRA, Bárbara. Letramento Racial: da emergência de uma formulação. **Revista Eletrônica Espaço Acadêmico** (Online), v. 21, p. 53-64, 2022.
- WESTRUP, Ana Carolina. **Na tevê e nas ruas, gatilho contra jovens é disparado todo dia**. Carta Capital, São Paulo, 19 mai. 2015. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/na-televisao-e-nas-ruas-o-gatilho-contra-jovens-negros-e-disparado-todo-dia-700/>. Acesso em 10 nov. 2022.